

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)

11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



A criação do MUVÚKA e a intersectorialidade da agroecologia no cuidado em saúde mental

Nathalia Mesquita Soares de Araújo; Gastrónoma, bacharelada em Agroecologia ;
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: nathalia.mesk@gmail.com.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2460729156699631>;

Bárbara Buzatti Lopes de Faria; Mestra em Estudos dos Processos Artísticos; Universidade
Federal Fluminense (UFF); barbara.buzatti@gmail.com; Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1573043135324564>;

Maria do Socorro Cavalcanti Albuquerque; Mestra em Tecnologia e Gestão Ambiental;
Instituto de Tecnologia de Pernambuco - ITEP; E-mail:
mariadosocorro.cavalcanti@gmail.com ;

Adriana Barata dos Santos Figueira; Mestra em Desenvolvimento Urbano; Universidade
Federal de Pernambuco; E-mail: adriana.figueira@recife.pe.gov.br. Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/4433094177655257>;

Leoncio Tenório da Silva Junior; Técnico em Enfermagem da Prefeitura do Recife; Unidade
de saúde CAPS Espaço Livremente. Email: leonciopalamres@gmail.com.

Linha de Pesquisa: II - Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento

1. Introdução

A palavra *Muvuká* surgiu na língua quicongo de origem bantu africana, que significa “[...] “aglomeração ruidosa de pessoas” - um grupo de pessoas, unidas por um mesmo ideal, mistura sementes variadas para recuperar a vegetação nativa”¹. Simbolicamente traduz a natureza do projeto, que acolhe a singularidade da clínica em saúde mental, a escuta desses

¹ MUVUCA DE SEMENTES: UMA TÉCNICA DE RECUPERAÇÃO DO CERRADO NA CHAPADA DOS VEADEIROS. Baruobservatorio.com.br, 2024. Disponível em: <https://www.baruobservatorio.com.br/observatorio/muvuca-de-sementes-uma-tnica-de-recuperao-do-cerrado-na-chapada-dos-veadeiros.333>>. Acesso em: 07 de Outubro de 2024.

ruídos, das vozes, e a Agroecologia como uma ciência, prática e movimento, capaz de estender-se enquanto recurso terapêutico na delicadeza dessa clínica.

Na prática este encontro é resultante da observação efetuada durante a realização das oficinas de agricultura urbana nas unidades de saúde, nas articulações e parcerias que compõem cada um dos projetos terapêuticos singulares da Rede de Atenção Psicossocial - Raps, na lida com o tempo de uma clínica que se faz na continuidade e no acompanhamento de usuários e usuárias do sistema de saúde. Metaforicamente, o “Muvúka” pretende efetivar este enraizamento, perfazendo uma semeadura de vida que antecede a colheita, com base num processo de qualidade, significando o cuidado.

Em busca de uma articulação ético-político, intitulada por Félix Guattari (2001), como uma “ecosofia” entende-se que as formações políticas e as instâncias executivas

[...] apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético política— a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico (Guattari, 2001, p. 8).

Esses três registros ecológicos, sobre os quais fala Guattari (2001), encontram ressonância na proposta de um projeto intersetorial que, ao envolver as Secretarias de Agricultura Urbana e de Saúde, pretende debruçar-se sobre pautas imprescindíveis para a promoção da saúde e do bem viver na cidade. Como, por exemplo, a produção de vida e cidadania, a clínica ampliada e em movimento, a autonomia dos sujeitos, a segurança e soberania alimentar, a agricultura urbana, a geração de renda e a economia solidária.

À medida que o Brasil e o mundo caminham para abrigar uma população cada vez mais urbanizada, a discussão sobre alimentação nas cidades torna-se cada vez mais urgente. Com o aumento dessa urbanização, também se urbanizam a fome, a pobreza e a insegurança alimentar e nutricional. Dos 33 milhões de pessoas que não tinham o que comer no Brasil de 2022, 82% viviam em áreas urbanas. As propostas para um novo modelo de desenvolvimento urbano dialogam com a construção de sistemas alimentares mais saudáveis, equitativos e sustentáveis, que, por sua vez, encontram caminhos para sua viabilização também a partir do fomento à agricultura urbana e periurbana (Instituto Escolhas, 2023, p.10).

Como a agricultura urbana pode ser compreendida enquanto recurso terapêutico no cuidado em saúde mental? Para tanto, nos alinhamos à proposta de modelo de Desenvolvimento Urbano que fundamenta a concepção da Agroecologia, como produtora de subjetividades. Com

base nesta visão integrada do uso e influência do território aos processos de saúde mental, desenvolveu-se esta proposta, que traz para a comunidade terapêutica a construção de uma metodologia intersetorial conectando a Agroecologia, em suas diversas e múltiplas dimensões, aos processos de integração, autonomia e cidadania.

2. Referencial teórico

Em busca de um projeto de sociedade possível, por uma política de rede, este enlace entre as Secretarias de Agricultura Urbana e Saúde, tem em vista a necessidade de repensar os impactos psicossociais de uma sociedade que abandonou seus hábitos, ancestralidades, por causa do consumo, da exploração das cidades, dos territórios, de um viver “patologizante” e artificializado.

Conhecer o corpo é conhecer a cidade, e quando se trata da produção de vida, para além da doença, vislumbra-se esse corpo-cidade que é justamente a potência do encontro da Saúde Mental com a Agroecologia. “Como pensar políticas sociais em seus liames com a cidade, quando a organização socioespacial da cidade mesma é essencialmente desigual e excludente?” (Garcia, 2013, p. 99).

Tanto para a Saúde Mental quanto para a Agroecologia, os territórios são, para além do aspecto geográfico, os caminhos dos afetos, da memória biocultural, das éticas de viver e das políticas de rede, “[...] se o território é o mundo, se o território é o sertão, ele tem que ser apropriado permanentemente” (Delgado, 2007, p. 60).

Amparada pela lei 10.216/2001, a Reforma Psiquiátrica inaugura o entendimento de uma clínica ampliada, do cuidado em liberdade e da garantia de direitos. É o início do processo de democratização e acesso ao tratamento humanizado das pessoas portadoras de sofrimentos mentais e/ou em uso prejudicial de álcool e outras drogas.

A estrutura deste modelo são as Sistema Único de Saúde (SUS). A RAPS na Cidade do Recife conta hoje, com 17 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) sendo 02 de atendimento infantil e 02 de atendimento infanto-juvenil (CAPSi), 50 Residências Terapêuticas (RT), 3 Unidades de Acolhimento (UA), 1 Serviço Integrado de Saúde Mental (SIM) e 1 Centro de Convivência (CECON). De janeiro a julho deste ano, foram acolhidas nos CAPS da Cidade do Recife, 19.563 pessoas².

² Documento interno, não publicado. Indicadores semestrais fornecidos pela Coordenação da Política de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, da Prefeitura do Recife.

Norteados pelo entendimento da Política Nacional de Humanização/2003 desenvolvida para a efetivação dos princípios do SUS no cotidiano da prática de atenção e gestão, que deu sentido à humanização baseada na valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Os valores são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários, a construção de redes de cooperação e a participação coletiva no processo de gestão, além dos princípios da transversalidade, a indissociabilidade entre clínica e política³.

A agricultura urbana e periurbana envolve práticas agrícolas em áreas urbanas ou nas proximidades, onde famílias e pequenos produtores cultivam alimentos em terrenos, quintais, jardins comunitários e até em estruturas verticais. Essas práticas abrangem produção, transformação e prestação de serviços agrícolas e pecuários, destinados ao consumo próprio, trocas, doações ou comercialização, utilizando recursos locais de forma eficiente e sustentável, como solo, água, resíduos, força de trabalho e conhecimentos tradicionais.

Integradas à organização territorial e à gestão ambiental das cidades, essas práticas promovem uma abordagem sustentável e resiliente. No Brasil, cerca de 75% das iniciativas de agricultura urbana e periurbana ocorrem em regiões metropolitanas de grandes capitais. Um estudo recente do Instituto Escolhas revela que a região metropolitana de São Paulo possui 60 mil hectares que poderiam ser usados para a produção de verduras e legumes, com potencial para abastecer 20 milhões de pessoas por ano, praticamente a população inteira da Grande São Paulo (Instituto Escolha, 2023).

Com o decreto N° 11.700 de 2023, que dispõe sobre o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana e a Lei da Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana (AUP), sancionada em julho/2024, inaugura-se uma nova fase nas políticas em AUP no País. Esses marcos legais respaldam as atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas nas áreas urbanas e periurbanas, integradas ao sistema ecológico e econômico urbano. Essa convergência entre as políticas para produção de alimentos saudáveis nas cidades, de promoção da inclusão socioeconômica e de resiliência climática, é capaz de mudar a qualidade de vida nos grandes centros urbanos e no entorno.

3 Metodologia

³ HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. (Brasil, 2010)

Por entendermos como qualitativo, o processo metodológico deste projeto, elegemos a cartografia proposta por Félix Guattari como princípio norteador, como método, tendo em vista que ela “se esforça para que a dicotomia sujeito-objeto seja rompida” (Meira; Cedeño, 2016, p.558).

Assim, não há separação entre objeto de estudo e pesquisador, não se parte da conjectura da neutralidade, já que a pesquisa é realizada em campo e o pesquisador é inserido no cotidiano deste, norteando-se - ou sendo norteado - pela convivência e pelos afetos dela decorrentes (Meira; Cedeño, 2016, p.558).

Assim como considera a pedagogia de Paulo Freire, se o caminho se faz caminhando, há aprendizagem em ato. Portanto, notamos a necessidade de desenvolver um processo participativo e contínuo e sistematizar uma metodologia específica para essa intersectorialidade, um caminho próprio. A metodologia adotada parte dessa “cartografia afetiva” que admite o aprendizado em ato:

A cartografia afetiva ou cartografia sentimental é uma abordagem de caráter processual, que, portanto, se configura como uma via fluida que se afasta do cartesianismo que marca a ciência moderna, convergindo com propostas que buscam um processo dinâmico. Compreendido que é o fazer científico de atravessamentos nos encontros provocados pelos atos de fazer uma pesquisa, a cartografia não nega esses encontros, ao contrário, defende-os como fundantes das afecções que marcam qualquer pesquisa: Encontros entre o pesquisador e seu campo de estudos, entre teorias que emprestam suas vozes ao trabalho, entre sujeitos que circulam nos espaços em que a investigação acontece, entre afetos que emergem do contexto mesmo da pesquisa (Silva; Peres, 2024, p.1).

Nessa abordagem cartográfica, sem perder de vista a dinâmica do processo, na proposta metodológica orienta-se por dois eixos: o clínico (desta clínica ampliada e em movimento) e o agroecológico (dos caminhos apresentados pela agricultura urbana). Essa construção participativa e intersectorial permitirá a aplicação de instrumentos e ferramentas que contribuam para a construção de uma política no âmbito da saúde articulada aos conceitos da Agroecologia e do Desenvolvimento Territorial.

Para dar início à execução desta parceria intersectorial, criou-se uma Comissão Institucional com trabalhadoras e trabalhadores, gestoras e gestores da Secretaria de Saúde, representada pela Coordenação de Saúde Mental e pela Secretaria Executiva de Agricultura Urbana. Além dessa comissão prevê-se a implantação de um GT intersectorial com a participação de gestores, trabalhadores, usuários e familiares do serviço, que constituirá um espaço de diálogo, planejamento e avaliação das ações desenvolvidas.

4. Resultados e discussão

Com quarto ano de atuação, a SEAU celebra conquistas significativas em prol de uma cidade mais saudável e sustentável. A presença de espaços agrícolas dentro do tecido urbano não apenas impacta positivamente na oferta de alimentos, mas também serve como plataforma para ações de capacitação e educação, fomentando a conscientização da população sobre práticas agroecológicas⁴.

A Secretaria Executiva de Agricultura Urbana, vinculada à Secretaria de Política Urbana Licenciamento desenvolve, implementa e acompanha as ações de agroecologia urbana no Recife, com vistas a intensificar a produção de alimentos e ervas medicinais, a compostagem dos resíduos orgânicos e a formação a partir de estruturas produtivas em áreas públicas e privadas com potencial agricultável na cidade, contribuindo para a segurança alimentar, a sustentabilidade, o fortalecimento das relações sociais e a Economia Solidária.

Entre os atendimentos realizados pela SEAU a atuação em 10 unidades da RAPS onde, se processou, além do aprendizado de práticas agroecológicas um processo terapêutico que influencia diretamente no bem estar dos usuários e usuárias. Este processo foi o mote incentivador para o desenvolvimento de uma articulação institucional que consolide processos metodológicos que possam ser compreendidos e aplicados pelas diversas equipes de trabalho.

Pode-se observar ainda, na construção do projeto terapêutico singular de cada usuária e usuário, que se envolve com as oficinas de agricultura urbana, com a manutenção da horta, com a produção de alimentos, de fitoterápicos, o benefício da produção de vida e inexoravelmente uma melhora clínica.

5. Conclusões

Este é um relato de uma experiência que fez surgir, a partir das ações da SEAU que já acontecem nas unidades da Raps, a proposta de um projeto intersetorial, visando garantir essa parceria, bem como, a sua institucionalização. Tendo em vista que, notamos uma dificuldade, diante do cotidiano dos serviços da Raps, para a continuidade e manutenção das ações.

De acordo com o testemunho de uma usuária da rede, beneficiada pelo projeto, a respeito de sua participação na oficina de agricultura urbana “[...] aprendi a me comunicar com as plantas e quando eu estava triste eu sentava no chão, tocava a terra e começava a falar, a terra se tornou a minha mãe, os animais são meus amigos hoje.” Esse depoimento reforça a

⁴ Informação proveniente de documento interno, não publicado, cedido pela Secretaria de Agricultura Urbana (SEAU) - Balanço Interno de 2023.

necessidade de avanço dessa prática como política intersetorial, assim como, se verifica na discussão elucidada neste relato.

6. Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 4. ed. 4. reimp. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2010.

DELGADO, Pedro Gabriel G. Por uma clínica da Reforma: concepção e exercício. *In: A Reforma Psiquiátrica que queremos*. Caderno de Saúde Mental, 2007.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

GARCIA, Célio. Redes: teoria e prática. *In: Saúde Mental: marcos conceituais e campos de prática/ Organizadores: Ana Marta Lobosque, Celso Renato Silva*. Belo Horizonte: CRP 04, 2013.

MEIRA, Juliana de; CEDEÑO, Alejandra Astrid León. Cartografando afetos e aprendizados em uma associação cultural autogerida. *In: Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas – SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*. Londrina, 2016.

MUVUCA DE SEMENTES: UMA TÉCNICA DE RECUPERAÇÃO DO CERRADO NA CHAPADA DOS VEADEIROS. Baruobservatorio.com.br, 2024. Disponível em: <<https://www.baruobservatorio.com.br/observatorio/muvuca-de-sementes-uma-technica-de-recuperao-do-cerrado-na-chapada-dos-veadeiros.333>>. Acesso em: 07 de Outubro de 2024.

SILVA, Cinthya Emanuelle Ferreira da; PERES, Flávia Mendes de Andrade e. Cartografia Afetiva: Mapeamentos metodológicos das pesquisas entre educação e cinema. **Artefactum** – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia. v 23 – n° 01/2024.

SOARES, Lorena Portela (Org.) **Agriculturas urbanas agroecológicas e promoção da saúde**: fortalecendo diálogos, memórias e redes / organizado por Lorena Portela Soares. — Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, Fiocruz / Articulação Nacional de Agroecologia, 2023